



Macchu Picchu, a cidade “revelada”

Erica Thereza Farias Abreu (UFPE/UNEAL)

A cidade perdida dos Incas é o itinerário desse estudo breve sobre as ruínas do império andino. Neste espaço, buscamos refletir sobre o papel destas edificações para o imaginário local, bem como o que sinalizaria o desejo da evocação deste espaço. Segundo a pesquisadora peruana, Mariana Mould de Pease (2001), além do explorador norteamericano pela cidade escondida passaram outros personagens, que serão tema de estudo neste trabalho. O trabalho propõe uma aproximação à obra de Hiram Bingham intitulada “Lost City of the Incas”, na qual o autor trata os construtores da cidade e de sua “descoberta”, bem como das explorações feitas em seus arredores. Além deste trataremos de outro, Agustín Lizarrága, um arrendatário local, que pode haver conhecido a cidade, dentre outros personagens que estariam envolvidos na história da cidade mística. As ruínas — retratadas por imagem e letra no texto do “desbravador” — funcionam como “chave de leitura” sobre o passado. O tópico sobre a ruína leva a outro: o de tempo; os topoi interpelam-se dentro do imaginário sobre as ruínas andinas, como exemplo desse encontro, o eulírico de Pablo Neruda promove em Nas alturas de Machu Picchu a voz das ruínas. No poema, analisaremos como ocorre a evocação do tempo e das ruínas como símbolo da passagem: entrelugar literário que promove o encontro dos tempora por meio de um spatium. O passado religase ao presente no desejo do homem pelo controle do tempo, como efeito disso, atribuem-se nuances e cores que irão marcar a sua passagem pela história. Criaram-se as estações, a semana, os meses, o ano. Daí a arte projetar-se e marcar o tempo ou a sua passagem. Construindo em pedra, pintando em tela ou papel, modelando barro ou vidro e por último clicando o homem procurar transmitir o espírito de um tempo dando “forma” a um momento por meio de uma imagem.

